

PARANÁ | MARÇO DE 2012 | EDIÇÃO 08 | ANO II

# Relevo

Victor Amaral

*Eder Alex  
Hillé Puonto  
Ricardo Pozzo  
Marcelo Mirisola  
Guylherme Custódio  
Joca Reiners Terron  
Paulão de Carvalho  
Tattiana Teixeira  
Daniel Zanella  
Felipe Gollnick  
Rafael Menezes  
Manolo Ramires  
Gustavo Martins*

# Editorial

O processo de sedimentação de um jornal impresso literário é longo, custoso e permeado por diversos percalços: é o papel da gráfica que sobe, o anunciante mais fiel que resolve parar de divulgar por uns tempos, greve dos Correios, escritores dados a chilikés, problemas de diagramação, edição precipitada, fechamento atropelado... Enfim, são características estruturais que fazem com que cada edição de um jornal de contornos culturais tenha uma identidade temporal e uma individualidade única – como colecionar selos impressos ao avesso.

No Relevo isto não seria diferente. Estamos cursando a vigésima edição, a vigésima sobrevida, a vigésima impressão sem

um centavo de dinheiro público, a vigésima vez em que reunimos profissionais de trajetória sólida com escritores em início de carreira, alguns amigos do editor (ou moças de vinte e tantos anos lidas pelos olhos) e essa coisa toda que faz deste apanhado de paixões pela escrita um periódico vivo, às vezes pitoresco, às vezes triste como a morte, condicionado à crônica, mas com contos, poesias, letras de músicas, obituários, ilustradores e fotógrafos que certamente verão seus trabalhos um tanto prejudicados pelos talentos limitados do editor-diagramador.

Afora tudo isso, como diz Mia Couto, quando tudo em volta se torna enevoado, apenas a paixão nos devolve o horizonte.

Uma boa leitura a todos.

## Apoio Cultural

AVON

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA  
MÁRIO SUZUKI

CAFÉ DUETTO  
O melhor do café brasileiro  
41 3642 3344

MERCADO JALU  
CONFIRA NOSSA LINHA  
EXCLUSIVA DE PERFUMARIA  
3643-1912

(41) 3642-3103 / 3642-7590  
OLETUR

## Colaboradores

**Ygor di Castro**  
Ilustrador curitibano.

**Victor Amaral**  
Fotógrafo e acadêmico de Jornalismo na Universidade Positivo.

**Paulão de Carvalho**  
Vocalista da banda de rock independente Velhas Virgens e autor de Na Terra das Mulheres Sem Bunda (Panda Books, 2011).

**Daniel Zanella**  
Cronista e punquista. Cursa 5º período de Jornalismo na Universidade Positivo.

**Joca Reiners Terron**  
Escritor cuiabano. Publicou, entre outros, "Do Fundo do Poço Se Vê a Lua" (Companhia das Letras, 2010), título integrante da coleção Amores Expressos. Publica seus trabalhos no endereço [jocareinersterron.wordpress.com](http://jocareinersterron.wordpress.com).

**Guyherme Custódio**  
Jornalista curitibano. Publica seus textos no endereço [di-vag.blogspot.com](http://di-vag.blogspot.com).

**Manolo Ramires**  
Jornalista e cronista. Publica nos endereços [bloginparana.wordpress.com](http://bloginparana.wordpress.com) e [nabocadocavalo.blogspot.com](http://nabocadocavalo.blogspot.com).

**Eder Alex**  
Professor de Comunicação e Expressão de Textos, publica suas crônicas no endereço [devaneiosdocotidiano.zip.net](http://devaneiosdocotidiano.zip.net).

**Felipe Gollnick**  
Cursa 5º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço [defenestrando.com](http://defenestrando.com).

**Hillé Puonto**  
Livreira paulista. Publica suas crônicas no endereço [manualpraticodebonsmodosemivivrias.blogspot.com](http://manualpraticodebonsmodosemivivrias.blogspot.com).

**Tattiana Teixeira**  
Jornalista, professora e escritora, publica seus textos no endereço [tattiana.jor.br](http://tattiana.jor.br).

**Ricardo Pozzo**  
Escritor, tradutor e fotógrafo. Publica seus textos no endereço [poeteias.blogspot.com](http://poeteias.blogspot.com).

**Marcelo Mirisola**  
Escritor paulista, autor de doze livros, entre contos, novelas e romances, publicados por diversas editoras.

**Rafael Menezes**  
Escritor curitibano. Publica seus textos no endereço [rafaeldaily.wordpress.com](http://rafaeldaily.wordpress.com)

**Gustavo Martins**  
Escritor e músico, nascido em Lins e radicado em Curitiba. É autor de MiniContos Perversos & Outras Licenciosidades (Editora Inverso) e publica seus textos no endereço [minicontosperversos.blogspot.com](http://minicontosperversos.blogspot.com)

## Eu te amo muito, querida

As palavras fogem.  
Só falo pra você em  
silêncio nas infinitas câmaras de sonho.

Valêncio Xavier  
Em RrEmemranças da menina de rua  
morta nua e outros livros

## ✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 06 de março, 20h.

## ☞ Contato

[www.twitter.com/jornalrelevo](http://www.twitter.com/jornalrelevo)

Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

*O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

# Sou Gay

Daniel Zanella

Vi minhas três primas hoje de manhã. Quando adolescente, elas achavam que eu era gay. Uma delas, a menos naturalmente ornada, certa vez me escreveu uma carta dizendo que gostava de mim. Escreveu cem vezes, em uma folha de caderno, como se os sentimentos pudessem multiplicar - o mesmo dilema da exclamação: vítima de sua própria superfície. [Sempre que vejo uma exclamação solta sem mãe lembro o microconto de Monterosso: "Quando acordou, os dinossauros ainda estavam lá". Uma exclamação e tudo estaria perdido.]

Eu gostava de jogar xadrez. Aos trezes anos, reli O Anticristo, de Nietzsche. Nunca fui um adolescente encantador. Sempre fui um apaixonado péssimo, piegas, uma exclamação deslocada. Às vezes também me achava gay. Tinha piedade das poucas mulheres que já me escreveram. Sempre respondi, apesar de sempre cativar as menos alfabetizadas. Gosto de chocolate de forma demasiada e tenho sentimentos excessivamente contraditórios e expostos. Prefiro as amigas, muito mais leais e profundas, principalmente aquelas que vivem tragédias gregas

particulares - e quando elas bebem demais permaneço o mesmo. Escrevo colunas de aconselhamento amoroso em um jornal interiorano. (Já reparou que os homens mais homens são planos e destituídos de poesia?)

Ano passado me aproximei muito de uma cronista em final de curso de Jornalismo. Ela tinha uma namorada linda. Gostei muito das duas, com suas graves crises de ciúmes e gênios amplamente difíceis. Era como ver um amor platinado, palpável, entre excessos de cigarros e álcool, em permanente trincheira. À época, suspeitei de minha incapacidade de sexualizar a experiência. Elas me consideravam um homossexual não-praticante.

Tenho uma amiga que sai com um homem casado. Uma contadora de histórias que compra livros sobre o prazer de ler. Outra que viaja ao Rio Grande do Sul em busca do amor. Uma escritora bêbada que me presenteia com livros bonitos. A editora-chefe do jornal que chora escondida. Uma cronista que me pergunta o porquê de não mais selecioná-la no jornal. (Maldoso, digo que é porque sua escrita não

particulares - e quando elas bebem demais permaneço o mesmo. Escrevo colunas de aconselhamento amoroso em um jornal interiorano. (Já reparou que os homens mais homens são planos e destituídos de poesia?)

Ano passado me aproximei muito de uma cronista em final de curso de Jornalismo. Ela tinha uma namorada linda. Gostei muito das duas, com suas graves crises de ciúmes e gênios amplamente difíceis. Era como ver um amor platinado, palpável, entre excessos de cigarros e álcool, em permanente trincheira. À época, suspeitei de minha incapacidade de sexualizar a experiência. Elas me consideravam um homossexual não-praticante.

Tenho uma amiga que sai com um homem casado. Uma contadora de histórias que compra livros sobre o prazer de ler. Outra que viaja ao Rio Grande do Sul em busca do amor. Uma escritora bêbada que me presenteia com livros bonitos. A editora-chefe do jornal que chora escondida. Uma cronista que me pergunta o porquê de não mais selecioná-la no jornal. (Maldoso, digo que é porque sua escrita não

Ano passado me aproximei muito de uma cronista em final de curso de Jornalismo. Ela tinha uma namorada linda. Gostei muito das duas, com suas graves crises de ciúmes e gênios amplamente difíceis. Era como ver um amor platinado, palpável, entre excessos de cigarros e álcool, em permanente trincheira. À época, suspeitei de minha incapacidade de sexualizar a experiência. Elas me consideravam um homossexual não-praticante.

Tenho uma amiga que sai com um homem casado. Uma contadora de histórias que compra livros sobre o prazer de ler. Outra que viaja ao Rio Grande do Sul em busca do amor. Uma escritora bêbada que me presenteia com livros bonitos. A editora-chefe do jornal que chora escondida. Uma cronista que me pergunta o porquê de não mais selecioná-la no jornal. (Maldoso, digo que é porque sua escrita não

Ano passado me aproximei muito de uma cronista em final de curso de Jornalismo. Ela tinha uma namorada linda. Gostei muito das duas, com suas graves crises de ciúmes e gênios amplamente difíceis. Era como ver um amor platinado, palpável, entre excessos de cigarros e álcool, em permanente trincheira. À época, suspeitei de minha incapacidade de sexualizar a experiência. Elas me consideravam um homossexual não-praticante.

Tenho uma amiga que sai com um homem casado. Uma contadora de histórias que compra livros sobre o prazer de ler. Outra que viaja ao Rio Grande do Sul em busca do amor. Uma escritora bêbada que me presenteia com livros bonitos. A editora-chefe do jornal que chora escondida. Uma cronista que me pergunta o porquê de não mais selecioná-la no jornal. (Maldoso, digo que é porque sua escrita não

cresceu de um ano pra cá.) Uma companheira que suporta minhas manias, teimosias e apegos. Tenho gavetas de amor e um encanto paterno pelo gênero feminino. E essa afetação feminina acentuada, principalmente no que tange à lealdade, molda meu caráter e me afasta ideologicamente de homens. Nunca exigi de minhas mulheres e amigos mais do que um certo enfrentamento das agruras cotidianas, desde um simples auxílio na mudança da casa até o questionamento do cartão-ponto da empresa, ser ouvido nas queixas e referência na procura de uma música desconhecida.

Há pouco pensei em ter um bar que tocasse jazz de tarde e punk de noite, com lésbicas e gays namorando, feministas discutindo a descriminalização do aborto, garçons que não precisassem de uniforme padrão, nem bater o ponto e gostassem de literatura, alguns jornais do dia, cerveja barata e vinho bom, uma poetisa bem bonita para declamar palavras que dessem esperança, charuto baiano para acalmar quem muito labutou, umas comidinhas da casa bem em conta para o salário novo que não chega. Comidinhas da casa. Gay.

Há pouco pensei em ter um bar que tocasse jazz de tarde e punk de noite, com lésbicas e gays namorando, feministas discutindo a descriminalização do aborto, garçons que não precisassem de uniforme padrão, nem bater o ponto e gostassem de literatura, alguns jornais do dia, cerveja barata e vinho bom, uma poetisa bem bonita para declamar palavras que dessem esperança, charuto baiano para acalmar quem muito labutou, umas comidinhas da casa bem em conta para o salário novo que não chega. Comidinhas da casa. Gay.

Comidinhas da casa. Gay.



Ygor di Castro

**EXATO**  
CENTRO EDUCACIONAL

**Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico**  
**Preparatório - Graduação Pós-Graduação**  
**Aprendizagem Empresarial e Industrial**

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

*Fragmento de romance  
inédito*

Como viver aqui é insuportável, resolvemos sair em busca dos conselhos de Velho Oeste. Na estrada, paramos no Posto de Gasolina Encantado para perguntar ao Frentista Mágico qual era o lugar onde Velho Oeste vivia. “No leste”, o Frentista Mágico respondeu. “Como assim, no leste?”, eu perguntei. “Como assim, não era no sul?”, perguntou Máquina. “Como assim, não é mais pro norte?”, perguntou Pústula. “Como assim, não deveria ser mesmo no oeste?”, perguntou Paraísos Artificiais, “afinal, o cara se chama Velho Oeste”. O pessoal do Ministério da Fome é mesmo muito engraçado. Só Paraísos Artificiais que nunca entende nada. Ele é um baterista e os bateristas estão sempre chapados demais pra entender alguma coisa. “Ele sempre foi gozador, o Velho Oeste”, respondeu o Frentista Mágico, “a consulta custa cinquenta centavos.” Nasaída, o Frentista Mágico nos deu um livro muito grosso. “Leve isto”, ele falou, “vai ser muito útil pra vocês”. O livro se chamava *Guia de Ruas Sem Saída*. O autor era Velho Oeste. O livro começava assim. “Vocês precisam saber que a principal coisa a fazer é matar o Tempo. E não existe arma mais letal e que o Tempo mais tema do que Contar Histórias. Contar Histórias é fogo: o Tempo não resiste e acaba morrendo quietinho quietinho. Puf, é assim que ele morre. Mas agora eu vou contar uma história. Pra matar o Tempo. É uma história muito antiga. É a história de como tudo começou. É a **História de Banha**

*Banha era um adolescente normal, tão normal que era gordo, muito gordo. Até que ele começou a ter acne. Em poucos meses o corpo dele foi inteiramente tomado por espinhas. Eram espinhas do tamanho de furúnculos, e ficavam tão inflamadas que explodiam sem nenhum motivo (a não ser o fato de estarem inflamadas). Um dia quando ele caminhava pela rua, uma espinha que ficava na testa de Banha explodiu e caiu na boca de uma garota que passava. Em meio segundo a garota começou a 1) babar; 2) cantar um hino religioso numa língua desconhecida; 3) seu cabelo ficou verde; 4) fundou uma religião. Banha se tornou o deus idolatrado por aquela religião chamada A.C.N.E., que significa Assumpção Christiana de Novas Espécies.*

*A Garota de Cabelos Verdes virou sacerdotisa e ordenou que Banha fosse colocado em uma estufa de vidro e que ele fosse alimentado somente com chocolates. De três em três meses, as espinhas de Banha floresciam e explodiam e o corpo dele era inteiramente lambido pelos devotos da igreja. Esse ritual se repetiu por muitos e muitos anos. Coisas que aconteciam quando os devotos lambiam as espinhas de Banha 1) inventavam coisas inúteis; 2) faziam amor com vegetais; 3) os cabelos e pentelhos ficavam multicoloridos; 4) inventavam línguas que ninguém entendia. Com o passar dos anos, Banha ficou parecido com um baiacu. Com o passar dos anos, Banha ficou parecido com uma flor. Com o passar dos anos, Banha se transformou num cogumelo. Esta foi a história de Banha.*

e pronto: o Tempo morreu. Não doeu nada, doeu? Bom, não são vocês que têm de me responder isso, mas o Tempo, e o Tempo já não tem mais como falar nada porque morreu. Tá mortinho da silva. Eu tenho certeza absoluta de que não doeu nada. Isso não interessa. E o que é que interessa?, é isso que as cabecinhas ocas aí de vocês devem estar pensando neste exato momento: o que é que interessa, hein, porra? É isso aí. Bom, o que interessa é que vocês estão no caminho certo. Agora basta seguir essa estrada em linha reta sem olhar pros lados. É, não olhem muito pros lados, pois aqui tem uns bichos muito medonhos. A melhor coisa que vocês têm a fazer é simplesmente não

olhar pros lados e seguir em linha reta. Lá no final da estrada em linha reta tem uma curva. Mas não façam a curva: saiam da estrada e continuem em linha reta pelo deserto. Depois de atravessarem o deserto, isto deve levar uns quarenta dias, vai aparecer um platô em forma de platô. Vocês o reconhecerão assim que o virem, não se preocupem. Escalem o platô em forma de platô pelo lado Oeste, que é menos íngreme, além de ser fácil de guardar, pois tem o meu nome. Eu podia complicar, tipo, dizendo procês escalam pelo lado leste. Mas não. A hora que vocês conseguirem chegar no cume do platô, pronto, chegaram. Estarei à espera de vocês com uma cervejinha bem gelada.”



Joca Reiners Terron

# Olhos

Guyllherme Custódio

Ele a dominava. Ela simplesmente consentia, entregando-se com toda sua generosidade. Permitia que ele fizesse tudo que quisesse, mesmo que, na realidade nem a tocasse. O ato sexual ocorria apenas através do olhar.

Ele a devorava por meio da visão. Aquela imagem que chegava até sua retina e era transmitida pelo nervo óptico fazia com que, ao chegar ao cérebro, ele imaginasse situações em que ambos estariam de olhos fechados.

Ela percebeu. Era de certa forma recorrente aquela situação. Fingia não ver e às vezes até fazia poses para que o imaginário masculino fosse cada vez mais longe. Deixava com que olhassem, vissem, observassem, degustassem.

Ele queria ali mesmo beijá-la ferozmente. Arrancar sua roupa e domá-la com muita sede ao órgão. Com tanta vontade quanto um casal que depois de muito tempo volta a colocar seus corpos em encontro. Mas nada sai do imaginário, onde ficaria por muito tempo.

Aparentemente distraída até então, e após dominar aqueles olhos famintos, ela olha para ele com expressão de desprezo e vai embora.

Ele derrama uma lágrima. Ogozo de quem come com os olhos.



Manolo Ramires

## Até comprei uma luva

Hoje vou fazer a defesa de uma tese bem diferente, como gol de lateral, sabendo que corro o risco de levar um frango. Trate-se de um chute sobre porque o Brasil carece de artilheiros de referência no cenário atual mundial. Temos um Pato. Talvez um Neymar. Mas nenhum deles entra no meu time como centroavante. Ainda prefiro o Ronaldo menos empresário ou o Romário mais político. Empresadas a parte, lanço que a falta de matadores nos gramados tupiniquins se deve a larga ausência de goleiros nos gramados sintéticos e de bolinhas pretas por este brasilzão.

É isso mesmo. Não tem goleiro bom. Não tem artilheiro bom porque tudo é no improviso. Você já viu como ninguém quer jogar no gol nas peladas? Ai fica aquele revezamento eterno do zagueiro leva um, entra o atacante, sofre outro, vai o lateral, toma outro, é a vez do volante, até que o menos mão-de-pau se destaque. Nessa partida já foram quatro gols e o time adversário só tomou um. Placar largo e centroavante do time com goleiro (goleiro mesmo, de mãos de águia) contando vantagem. Que nada. Com certeza os chutes entraram no meio do gol, foram meio moles ou "defensáveis se a gente tivesse goleiro". Este é o grande problema. A falta do desafio, do cara que bata no peito e fale: "Perna torta, aqui você não faz gol". Porque do jeito que tá hoje, esses artilheiros são todos goleadores de A1 - Quadrado. Ou seja, chutou, entra.

E é mais ou menos isso que vai acontecer na nossa pelada semanal. O goleiro espantalho da vez é o Mauro, um cara de 1,95 m, forte, rápido e resistente. Qualidades perfeitas para um defensor de redes, mas o cara é zagueiro de origem. Ele está indo pro gol porque não aguenta mais ficar sem a pelada das segundas-feiras. Tanto que até comprou uma luva (espero que seja o par) para enfrentar os atacantes da galera. Mas, Mauro, vou ser bem sincero, tu vais levar bordoadas. Diversos gols que o Adrianinho (que joga ao estilo do Baixinho da Colina) vai fazer e se achar o melhor atacante do Brasil, confirmando minha tese.

Quantos Mauros e Adrianos existirão neste país sendo improvisados nas redes e fazendo gols de rebote? Por isso, lanço a campanha: Mais artilheiros dependem de verdadeiros goleiros. Quem sabe, deste jeito, o desafio nos devolva alguns Evair, Túlio e Viola, que não era craques, mas sabiam deslocar os homens das luvas gastas. Por fim, respondo ao amigo Mauro, que perguntou "Tem alguma dica para me ajudar a evitar o vexame"? Tenho. Retorne pra linha.

Hillé Puonto

# [it's a book!]

dias de luz, festa de sol e o livreiro a guardar 8745 livros por hora. é nesse momento de muita correria, que surge um freguês cheio de dúvidas sobre esses estranhos objetos que são expostos em livrarias.

- boa tarde, você pode me dizer o que é isso aqui?

(livreiro olha para o objeto que o cliente está apontando e, uau, é um livro. e, digo mais, um livro do tamanho da Aretha Franklin, com capa, páginas e ilustrações. mas, para que nenhuma questão fique no ar, o vendedor decide investigar ainda mais o caso com uma pergunta complexa:)

- isso o quê?

- isso, moço.

- então, é um livro.

(freguês ESPANTADO, pra variar, não aceita a resposta do livreiro.)

- mas um livro desse tamanho?

- ...

**manual prático de bons modos em livrarias:** depois do atendimento, o livro foi encaminhado ao IML para a família fazer o reconhecimento do corpo, porque, né, eu também não acreditaria em conversa de livreiro. ♥

Victor Amaral

# [aquela autora lá]

- moça, por favor, onde encontro os livros da "madame bovary"?

- você procura alguma edição específica?

- ela tem muitos publicados?

(muita calma, hillé, muita c a l m a)

- então, quer dar uma olhada nas edições que temos aqui?

- sim, mas qual é o mais famoso dela?

- como assim?

(quero fazer a web diva tula luana e tatuar 'como assim?' na testa.)

- de todos que ela escreveu, qual é o mais vendido?

-

(agora em slow motion: muita calma, hillé, muita c a l m a)

**manual prático de bons modos em livrarias:** flaubert, me liga, se precisar de um ombro amigo. sério.

# [que rei sou e]

- por favor, tem cd do rei?

(rei leão?)

- o senhor procura cd do roberto carlos ou do elvis?

- não... eu quero cd do ray charles.

**manual prático de bons modos em livrarias:** prezado pelé, nem pense em OH WAIT, tia duna manda avisar: "o pelé tem dois cds gravados". Vés

# [Dicas de uma iog]

janeiro está sendo tão iluminado, que estou me sentindo na paris dos anos 20. sério mesmo, ac atendimento da noite anterior. só faltou o jazz rolando ao fundo.

- moça, por favor, você tem "autobiografia de um iogue"?

- sim, temos. quer dar uma olhada?

(livreira entrega o livro à freguesa, que dá uma rápida olhada no conteúdo da obra)

- Ai, não, isso não. Aqui ele só tá contando a história de vida dele.

(gente linda, gente bonita, como manter o equilíbrio emocional?)

- então, mas é uma autobiografia, né?

- ah, mas eu achei que fosse um livro com dicas dele. não vou levar não, obrigada.

**manual prático de bons modos em livrarias:** minha senhora. por gentileza, volte sempre.

# [robes]

*Panificadora e Confeitaria*  
*Pão e Vinho*  
Trabalhamos com livros sob encomenda  
(41)3642-3552  
Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

O JEITO DIVERTIDO DE DOMINAR O CONHECIMENTO.

**FISK**  
CENTRO DE ENSINO  
DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA  
R. JOÃO PESSOA, 35  
TELS: 3642-3690  
3031-7040  
CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR  
WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR

# [1001 frases de afrodite para tatuar antes de morrer]

m lançar cd. obrigada.

h...

## gue]

companhem de perto o

- oi, eu queria um livro de frases.
- (e eu queria paz de espírito. que vida, não?)
- como assim?
- quero fazer uma tatuagem de alguma frase e traduzir pro grego, mas eu não sei que frase, quero escolher uma.
- hã, mas... o que você gosta de ler?
- ah, eu ODEIO ler.
- (minha querida, você está fazendo isso tão, mas tão errado, que OLHA...)
- então, por que você vai tatuar uma frase se não tem contexto? não existe nenhum autor que você goste?
- (livreira já sabia a resposta, mas achou uma boa cutucar a fera com vara curta.)
- ah, acordei com vontade de tatuar uma frase. gosto de mitologia grega. conhece algum livro de frases de mitologia grega?
- (e a vontade de entregar um livro do percy jackson e falar que eram de frases marcantes da mitologia?)
- (?) desculpa?
- ai, moça, adoro a afrodite... me fala alguma frase importante que ela tenha dito.

(HAHAHAHAHAHA)

**manual prático de bons modos em livrarias:** de acordo com o livro "1001 frases de afrodite para se ler antes de morrer", a melhor frase dela para se tatuar em grego é "mas tome cuidado com o cabo da vassoura, é pior do que cenoura e você pode se dar mal".

# [vapt vupt]

moço, por favor, onde eu encontro livros sobre a revolução francesa?

você procura alguma coisa específica?

sim, um livro com fotos da revolução.

vreiro imagina que o freguês possa estar confundindo ilustrações com fotos e mostra alguns livros.)

ão, moço, não quero desenhos... eu quero um livro de FOTOS mesmo.

**manual prático de bons modos em livrarias:** cada atendimento é um sh, acreditem.

- moço, você pode me ajudar?

- claro.

- onde fica a 25 de março?

- como assim?

- como eu faço para chegar na 25 de março?

**manual prático de bons modos em livrarias:** [www.google.com/maps](http://www.google.com/maps)

# AVON

the company for women

**Quer revender?  
Entre em contato com a gente**

**Donaid**  
3031-5257  
9648-7705

**Jucélia**  
3031-2357  
9663-7557



# Capitu

Eder Alex

Há algo no olhar de Capitu que me comove. Quando sento para escrever, ela se põe a passear pelo teclado do computador, deslizando para lá e para cá com sua pose imponente enquanto suas patas fazem diminuir o brilho do monitor ou fazem brotar um idioma desconhecido bem ali no meio do meu texto. Ela caminha por alguns instantes e de repente para, como uma mulher em frente ao jogo na TV pedindo um pouco de atenção do marido, e me encara.

Mas seus olhos não se parecem com os da moça no clichê da propaganda de cerveja e nem mesmo com os da célebre personagem de Machado de Assis, os olhos da minha Capitu não são dissimulados, na verdade eles parecem tristes.

Ela chegou aqui toda pulguenta numa caixa de sapatos cor-de-rosa e assim que se viu

livre daquele cubículo me arranhou, correu pela casa, subiu no sofá e tentou atravessar a janela, batendo com a cara no vidro. Encolheu-se no canto, percebida de que a liberdade era uma coisa bem relativa. Passou dias acabrunhada e se escondendo nos lugares mais insólitos. Pensei seriamente que ela passaria a morar dentro do sofá.

Capitu é uma vira-lata e é adotada. Como se não bastasse toda essa pinta de minoria felina, ainda descobrimos que ela sofria torturas. O dono da mãe dela, irritado com tanto miado dos filhotes, resolveu dar-lhes choques para ver se eles se calavam.

Ela tem, sei lá, apenas uns três ou quatro meses. Mais da metade disso sendo devoradas por pulgas e levando choques. Faz parecer toda uma vida. Dá para entender o seu olhar.

Aprendi a me movimentar com mais calma para que ela não se assustasse e, aos poucos,

ela foi se aproximando. Agora, quando me sento para escrever ou assistir a um filme, ela se aproxima lentamente e deita ao meu lado. Fica ali quietinha, não parece querer algo em troca, apenas compartilhar o silêncio e sentir que tem alguém por perto. No fim da tarde, um sol sonolento pintando de laranja, as duas Araucárias que posso ver da janela da sala, os cachorros latem para os donos que estão chegando, as crianças do andar de cima começam a correr e as cortinas do bloco ao lado começam a se fechar, pois vai começar a novela. Tomo uma cerveja enquanto observo a vida se ajustar confortavelmente para dormir. Capitu, na ponta do sofá, mira seus olhos verdes na direção de tudo que se move no gramado lá fora. Ela já não pula de cara no vidro, aprendeu a lição. Está distraída e parece serena. Ainda há tristeza no olhar, mas agora ela sabe que está tudo bem.

Tattiana Teixeira

# Gênesis

- Mãe, que figura é esta ?

- É Eva, Júlia.

- Quem ?

- A primeira mulher que Deus criou.

- E esta cobra ?

- A cobra ? Ah, ela ofereceu a maçã para Eva. Só que era um fruto proibido.

- Hã ?

- É que Deus, o pai de Eva, disse que ela não podia comer maçã e a cobra a convenceu a comer. Daí Deus resolveu colocar Eva de castigo.

- Foi ? O que ele fez ?

- A expulsou do Paraíso.

- E o Paraíso existe ?

- Existe, Juju. Dizem que quando a gente morre, a gente vai para lá, se for bonzinho durante a vida.

- Ué, mas a gente vai como ? Dentro do caixão ?

Até então, Lucas, então com quatro anos, apenas ouvia aquela história como se fosse uma fábula infantil. Diante da derradeira pergunta da irmã, sentenciou bem ao seu estilo:

- Oba, aí a gente vira vampiro !!!!!

Bueno, não deixa de ser um conceito atual - e pop - de vida depois da morte.

Rafael Menezes

# Necessidade não necessária

O tal problema é achar que de alguma forma aquela pessoa que você diz amar realmente fará diferença em sua vida, que andarás com as suas pernas, sorrirá com a sua boca ou até mesmo respiraria com o seu pulmão. Não, não é assim que funciona, amor não é ficar idiota, não é assim. Mesmo assim você chora, perde tempo, sofre, pensa na pessoa e nunca aprende. Minhas lágrimas... Você secou todas, infelizmente não foi ao meu lado... Foi distante. Só sei que de alguma forma estranha eu te amo, amo muito mesmo, e mesmo que alguém tente me fazer esquecer você, eu não consigo.

Eu me perco em poemas, em músicas, em textos e em frases, porque só tenho você na cabeça. Paro e fico pensando como seria, e eu penso que seria perfeito, mas isso é o que eu imagino. Por mais que eu tente ser forte, eu não tenho mais forças para fingir que sou, o que sinto. Demorei para escrever esse texto, cerca de uns vinte minutos, e infelizmente eu choro, tento me dizer "calma, é só um cisco...". Estou pensando em você - novamente - e tentando imaginar como seria se eu pudesse te olhar todos os dias e dizer o quanto eu amo você.

# Na Terra das Mulheres Sem Bunda

Paulão de Carvalho

## ESPANHA

A Europa é apenas uns 1,5 mil quilômetros maior que o nosso Brasil. Já a Espanha é menor que a Bahia e tem uma população que deve girar por uns 45 milhões de habitantes, enquanto nós brasileiros somos mais de 190 milhões. A verdade é que nosso país é um continente e nossos estados são maiores que muitos países europeus. Números de lado, o fato é que a vontade maior que movia a mim e a Dex era a de conhecer esses lugares, conversar (se possível) com essas pessoas e entender um pouco mais as diferenças e semelhanças entre os habitantes deste planeta. Além, é claro, de beber toda a cerveja e o vinho que aparecesse.

Fui olhando pela janela os desenhos esquisitos que as plantações, cidades e estradas criam para quem olha de cima. Vi bem pouco verde, mas notei um sol brilhando, o que me deu esperança de não morrer de frio na primavera europeia. Fiquei com sede também, mas achei melhor começar o dia sem cerveja no café da manhã. Não por nada, mas ainda estava bastante preocupado com a entrada na Espanha. Vai que dou uma baforada no espanhol e ele me manda de volta. Puta que pariu! Trinta dias de hotéis e viagens iriam pro ralo. Não, nunca... Eu seria o mais educado possível para entrar naquele lugar... Era minha lua de mel e eu ia curtir cada minuto. Ah, se ia! O avião desceu no aeroporto de Barajas, Madri, e comecei aquele procedimento interno de praxe, com todo mundo pegando suas coisas, malas, blusas, cada um com a cara mais amassada que o outro. Dex estava linda... eh, eh, eh... Descemos com nossa bagagem de mão, fones, blusas, chapéu e tudo. Um longo caminho separava a saída do "finger" até o saguão... escadas rolantes, esteiras, sobe, desce... aí, que vontade de mijar! Acertei o relógio pelo horário local! Dex também queria mijar. Eu queria mais que isso, pois já estava na hora e meu intestino costuma ser pontual. Viramos à esquerda e... ô, ô... a fila se dividia: passageiros espanhóis e da União Europeia para um lado e nós, índios do resto do mundo, pro outro... Passaportes nas mãos... e vamonóis como quem vai para a

guilhotina... Passaríamos? Deus e meu coração diziam que sim. Já meu cu dizia que logo eu estaria cagado... Tranquei-o e passei a me concentrar no que diria para o oficial da Aduana Espanhola. Muitas curvas na maldita fila pra lá e pra cá. E eu quase me cagando (de medo e de fato). Dex foi no guichê de lá e eu no de cá. Cheguei perto, engatei um buenos dias com sotaque diretamente de Maceió e recebi uma frase nas fuças:

– Sacalosombrero...

"É o quê?", pensei... "No lo comprendo, señor!" O homem fez o sinal e me explicou que era para retirar o chapéu... "Saca lo sombrero", burro! Tira o chapéu, caraio! Tirei. Ele pediu o passaporte. A merda e o mijo pressionavam. Ele falava rápido e eu pouco entendia. "Que foi que ele disse agora?" Queria saber de hospedagem, dinheiro... Eu tentei dizer que estavam com minha mulher, no guichê ao lado. Ele me olhou com uma cara estranha. Será que algum peido escapou e eu não percebi? Cara... será que me caguei? Este instante durou dias... Ele fechou meu passaporte, trancou a cara e apontou pro lado... pronto... fudeu... olha eu de volta ao Brasil, como um criminoso... Tudo por água abaixo: viagens, férias, cervejas, histórias e sonhos... puta que me pariu... fudeu... fudeu geral... Não... não. Ele estava só me mandando ir para o guichê junto com a Dedé para que passássemos juntos.

Fui, sem pestanejar.

Cheguei ao lado da Dex, entreguei-lhe meu passaporte, grana, hospedagem, seguro de viagem... e ela conduziu a coisa com tal maestria que em segundos estávamos caminhando na direção da esteira pra pegar malas. Ah, minha heroína internacional... só tu... só tu... Entramos... entramos... Te amo, Dex... Fui em direção à esteira e até me esqueci da pressão que crescia no meu baixo-ventre... Dex sorriu, foi pro banheiro e eu fiquei ali, procurando nossas mochilas na esteira. Ela estava era querendo fumar.

A porra do carrinho só andava se eu pressionasse a barra pra baixo. Dei umas topadas, ainda abestado, quase mijado e cagado, mas, em compensação, legalmente em território espanhol.

Pensei até em beijar o chão como o falecido Karol Wojtyla, mas achei melhor não arriscar. Vai que algum policial se invoca e me manda preso pra Gibraltar? Ou pior, vai que me cago todo! Estava facinho, facinho...

Banheiros depois, mochilas no carrinho, saímos e tudo estava certo. Um friozinho meio paulistano, a gente se olhando, rindo...

Fomos até um bar. Que tal comprarmos algo pra comer, um sanduba? E, claro, a minha primeira cerveja em solo europeu, que foi uma tal de San Miguel, em lata. Nada de mais, mas um elixir pra lá de revigorante após um drama internacional. Penetração internacional realizada com êxito!

Tomamo-la juntos e fomos para as anotações. Hostal Las Fuentes, na Calle de las Fuentes. Tínhamos que tomar o metrô ali mesmo no aeroporto, fazer umas conexões e estaríamos em nossa hospedagem. Hostal, pra quem não sabe, é um tipo de hotel mais simples, com quartos individuais, mas pequenos. Não é albergue nem hotel, é alguma coisa no meio. Simbora! Arriba! Entramos, puta que pariu!

## Madri

A origem do nome Madri remonta ao tempo em que os árabes andavam por lá. Sua população passa pouco de 3,2 milhões de pessoas. Fortaleza, por exemplo, tem 2,5 milhões. Vasculhando a internet e falando com amigos recebemos alguns conselhos sobre Madri.

- Não pegar aqueles bus tours sem capota que circulam pela cidade, pois custam caro e pelo transporte público é mais fácil e barato. (Este conselho vale pra qualquer cidade: se tiver força nas pernas, ande!)

- Evitar os caras que oferecem hotéis no aeroporto. (É um enxame, mesmo, mas se você já está resolvido com relação a hospedagem, sossego.)

- Evitar shows de flamenco em Madri, que é coisa pra turista ver. (Isso vai dar merda, você vai ver.)

- Cuidado com trombadinhas. (Em toda parte na Europa, pelo que ouvi.)

- Almoço na Espanha é sempre tarde, depois das 15 horas. Jantar é depois das 21 horas. (Deveríamos ter prestado atenção neste detalhe...)

- Ciganas são indício de confusão, enrolação e roubo. (Onde não são?)

- Paellas brasileiras são melhores que as de Madri. (Eu odeio frutos do mar, exceto camarão, então, caguei.)

Tudo anotado, sorriso nos lábios, ói nós em Madri, gente!

A ideia era pegar o metrô (que eles chamam de "métro") dentro do aeroporto mesmo e seguir até uma estação chamada Ópera, perto da qual estava nosso hostel. E cara, como é grande esse tal de aeroporto de Barajas, que parece barata, mas não é. Barata é cucaracha, lembra? Baraja é baralho. Imagino que seja uma cidade ou um bairro. Pouco importa.

Eu e Dedé andamos e não foi pouco dentro do tal aeroporto até chegar a uma das três estações de "métro" (linha rosa) que estão instaladas dentro dele. Não havia bilheterias com gente atendendo, apenas máquinas. Depois de alguns minutos sem compreender bem o funcionamento delas, recebemos a ajuda da galera da segurança que nos ensinou a colocar a grana e receber os bilhetes (quatro euros). Na maioria das estações da Europa a coisa é automática mesmo. Bem, dali fomos até Nuevos Ministerios (linha cinza) e depois pegamos uma linha chamada R para a tal estação Ópera, que fica ao lado do Teatro Real, uma das salas mais importantes do gênero na Europa, com estilo neoclássico, erguida no reinado de Isabel II e restaurada em 1997, e se você quiser saber mais, vá procurar na internet, porra! Subimos do "métro" por volta de duas da tarde e ficamos ali, pensando em como achar nossa calle e nosso hostel. Cadê as placas com o nome das ruas? Perguntamos a um e a outro, misturando portunhol com inglês e, aparentemente, a coisa toda estava muito perto... Mas onde?

Saímos caminhando em frente... Tinha uma pizzaria, uma cerveceria e um McDonald's bem na cara. De fome e sede a gente não ia morrer. Estávamos excitados com o contato direto com um idioma diferente do nosso, apesar de o espanhol ser bastante parecido. Chegamos a uma esquina que lembrava as ruas do

centro velho de São Paulo, onde só há circulação de pedestres. Só que ali os carros circulavam também, o que gerava certa confusão, pela estreiteza das calles. Sobe, desce, olha, procura e eu não conseguia ver onde é que os espanhóis escreviam os nomes das ruas. Cadê a placa? Porra, sem enxergar o nome das ruas fica complicado, não é?

Dois caras distribuindo panfletos se aproximaram, pegamos os panfletos e emendamos em perfeito portunhol... "Donde es Calle de las Fuentes?"... O cara virou para o amigo e perguntou: "Aí, tu sabe onde é a Calle de las Fuentes?". Os caras eram brasileiros... Falamos nossa língua-mãe com prazer, mas eles também não sabiam onde era a tal rua... As mochilas pesavam sob o sol pentelho dos espanhóis. Onde fica essa rua? Subimos e descemos uma travessa, entramos num buteco e perguntamos. Hum! O espanhol disse que era aquela mesma... Saí e finalmente vi a placa que estava ali o tempo todo... "Calle de las Fuentes"... Chegamos ao número 10, apertamos uma campainha e uma voz mandou subir ao primeiro andar. Entramos no prédio que parecia um edifício comum de apartamentos, sem portaria ou nada que lembrasse um hotel ou hostel... Cadê o hotel? Dex olhava pra cima e pra baixo, para a escada e para a porta, pessoas entravam e saíam e a gente sem saber onde era o hotel... Resolvemos subir a escada e uma porta aberta parecia nos esperar. Era como um apartamento, mas só ao entrar é que vimos a recepção e os corredores que, imagino, levasses aos quartos. E era isso mesmo. Um hotel dentro do que seria um apartamento, ocupando uma única porta num andar de um prédio enorme que, pelo que vi, deveria ter mais hostales em outros andares.

Dex entrou em ação com sua papelada de reserva via internet e em minutos a gente estava num quarto com cama de casal, TV de plasma, um pequeno armário e um banheirinho bem ajeitado, cujo box parecia uma vitrine redonda de loja. Engraçado. Largamos as coisas, tiramos excessos de grana dos bolsos internos e uma fome monumental se apossou de nossos corpos.

# O mesmo nó

Marcelo Mirisola

Publicado originalmente em [congressoemfoco.uol.com.br](http://congressoemfoco.uol.com.br)

A mesma selvageria que me levou ao Masp há 30 anos arrastou-me para a exposição de Modigliani aqui no Rio, bem perto do apartamento onde Polito resolveu dar abrigo ao nó que trago de São Paulo. Tenho uma vista privilegiada da Praça Paris, com o nó, e tudo mais, além da brisa que sopra dia e noite para refrescar minhas ideias fora do lugar – estou bem localizado, encostado na Cinelândia.

Ontem, senti o bafo do Museu de Belas Artes cafungando no meu cangote, algo mais real e ameaçador do que a proposta que o traveção da Augusto Severo me fez, que incluía barba, cabelo e bigode – nomeu cangote também. Nem sei por onde começar. Digamos que 1980 seja o começo. Eu tinha 14 anos e a selvageria natural de um garoto esquisito que repudiava com todas as forças – antes mesmo de existirem – o roquezinho, e a breguice ombreira daqueles tempos. Vivía na expectativa de conhecer as “sobrinhas” da Tia Olga e oscilava entre o tesão que sentia por senhoras fumantes, e a vida que levava numa... como é que eu poderia dizer?

Numa espécie de clandestinidadezinha muito particular. Naquela época, eu acreditava que meu dom podia ser um refúgio: embora nem desconfiasse da existência desse “dom” (que hoje prefiro chamar de “inhaca”); mas acreditava sim, apesar de todos os pesares, num lugar especial – um lugar diferente do ramerrame típico de um garoto que nunca esteve nem aí pros Beatles e nem aí pros Rolling Stones. Às vezes, me sentia um retardado. Outras vezes, um animal incapaz de dizer bom dia pro Vanderlei, invocado pequinês da vizinha. Vexame a toda prova.

Não obstante a vergonha paralisante, eu tinha muita satisfação – embora não soubesse – em chafurdar na insignificância; hoje percebo que era dom e mais alguma coisa: tratava-se de um orgulho masoquista de usufruir secretamente dessa condição (mais de usufruir do que sobreviver a ela). Eu latia baixinho, remoía. Era um garoto xucro e iluminado. Assim que, nos idos dos 80,

entramos no Masp: devia ser uma excursão da escola ou algo do tipo. Quando o tal do dom ou a inhaca correspondente me arrastou violentamente para Modigliani. Nesse momento, dançaram para sempre os Degas, os Pissarros, os Picassos e todas as assombrações que disputavam espaço naquele prédio esquisito suspenso em lugar nenhum. Sou a favor da remoção do Masp. Aquilo e as câmaras frigoríficas do IML significavam/significam, aos olhos xucros do garoto e aos meus olhos caídos de hoje, a mesma coisa.

Ah, les artistes! Foi a primeira vez que os encarei frente a frente. Os putos gritavam a partir de um açougue que, no lugar de simplesmente expô-los, glorificava-os; e o pior: disputavam minha atenção. Parecia que eu estava numa feira da Vila Belmiro.

– “Olha as demoiselles! Fresquinhas, fresquinhas d’Avignon!”. D’Avignon que faz divisa com Piracicaba, bem sei. Tinha outro que me puxava pela bainha da camisa, e dava cambalhotas em torno de si mesmo como se fosse uma peça de matambre epilética: “Tá barato, freguês, tá barato! Compra uma dúzia de górgonas caolhas, e leva um par de ninfas bailarinas pra casa!”, e assim por diante. Nem sei quem me irritava mais, os monitores deslumbrados ou “les artistes” – que irrompiam de vaidades resplandecentes para logo em seguida mergulhar em opróbrios e agonias vergonhosas, feito crianças mimadas que comem os ranhos umas das outras e dão chiliques pra chamar atenção dos adultos. Almas carnívoras. Espetáculo deprimente. Que só poderia ser piorado pela certeza de que visitaríamos o Museu do Ipiranga na semana seguinte. Enfim. Quero dizer que esse tipo de eternidade, os museus e seus respectivos despojos, jamais me convenceu. Tenho para mim que são cemitérios. O mundo não precisa de museus, de arte nem de artistas! O mundo carece de shopping centers, açougues e açougueiros.

Com exceção de Modigliani. Vejam bem: essa era a visão de um garoto xucro e iluminado de 14 anos. De lá para cá evolui, acho que sim. Hoje, Gauguin e Van Gogh – junto com Amedeo – não me deixam ter nenhuma

dúvida com relação ao meu gosto e à passagem do tempo. Evolui sim. Hoje, ultrapassei a condição de garoto-xucro e iluminado e cheguei a condição de adulto-xucro e de saco cheio – eu sabia que Modigliani me esperava.

Amedeo Modigliani. Entrei na exposição pela diagonal. Uma urgência conhecida, porém boa, selvagem. O garoto xucro e essencial do Masp me guiava – trinta e dois anos depois – pelos corredores do Museu de Belas Artes, aqui no Rio. Caímos direto na sala das fotos. De dentro de uma urna sanitária, Jeanne Hébuterne nos espiava de boca aberta, eu não fazia a mínima ideia de quem era Jeanne. A imagem dela, iluminada pelas sombras, incomodou-me um bocadinho, e foi o suficiente para que o garoto dos anos oitenta, o xucrinho-essencial, afinal se escafedesse: o putu havia feito a parte dele e foi tarde.

Depois de Jeanne, fiz o percurso inverso de Amedeo. Desfrutei de Lola e Gilberte, quando a linda Maud, lavadeira e picirico de Picasso, apareceu no ateliê de La Ruche, e me chamou à responsabilidade: não me fiz de rogado e imediatamente a subjulguei de modo que ela e Elvira se pegaram – debaixo do meu saco – gostoso. As maluquetes rastejavam, se lambiam e mordiam minhas panturrilhas. Já subindo. A ideia era fazer com que ambas ordenhassem meus culhões, uma bola para cada uma; hoje, depois da putaria, não sei dizer se foi Maud ou Elvira quem me sacaneou, mas eu senti a língua de uma das duas, ou das duas, sabe-se lá, a sarrear minha bunda. E pensava: “Essas biscates vão engasgar com os pentelhos grisalhos do meu rabo imundo, que se fodam!”. Ah, as maluquetes da belle époque adoravam uma boa putaria. Não só elas, as madames também. Confesso que me deu um grande cagaço na hora que topei com a autoritária e sedutora Beatrice Hastings. Mesmo assim, paguei pra ver: quer dizer, o mais correto seria dizer que foi Beatrice quem pagou... Anna Achmatova deixou passar batido porque eu sabia que o risco de brochar com uma poeta era muito grande, mas nenhuma, nenhuma se comparava a Jeanne, iluminada pelas sombras.

Modigliani tentou várias vezes, pintou várias versões da mesma Jeanne e não logrou reproduzi-la como ela e ele mereciam. Quando cheguei à exposição, não sabia da história dos dois. Juro! Não sabia!

Depois disso, não consegui ver mais nada. Jeanne me olhava a partir do nó que a desgraçou, o mesmo nó que Modigliani tentou e não conseguiu (digo, conseguiu) espichar – ou desatar – em seus trinta e seis anos de vida. O nó que é emaranhado, nasce e se imiscui dentro da palavra dom. Até encobrir o dom, encobrir o tempo e a palavra e acabar com a vida do infeliz de uma vez por todas.

Eu falei de Van Gogh e de Gauguin. O primeiro foi tomado por uma cegueira de amarelos intensos depois que reproduziu o nó sobre a noite esburacada lá dos cafés de Arles – tá um lugar-comum, mas é fato. Fazer o quê? E Gauguin o remoeu na Polinésia Francesa, e fez lubrificos cipós brotarem do ventre de meninos-travestis, feito hemorroidas. A Propósito. De nada adiantou Gauguin se pirulitar de Paris, ele também foi absorvido pelo gênio onde o vento faz a curva, digo, absorvido pelo nó; Gauguin se fodeu literalmente de verde e vermelho e sob todos os aspectos: da ausência de Van Gogh, de calor e umidade, de loucura, absinto e sífilis. Esse mesmo nó que ainda vai fazer meu pau amolecer dentro de sua boca. O nó que destruiu a vida de Jeanne e Amedeo.

O nó que faz tudo dar errado. Lembra quando eu vomitei naquele hotel vagabundo, e depois mandei você ir embora? Não foi seu coração que regurgitei no vaso sanitário, vomitei o nó, mas ele não saiu de mim. O nó. O mesmo nó que você vislumbrou no fosso dos meus olhos castanhos e que vem de longe, o nó que a confunde e a faz enxergar poesia onde somente existe egoísmo, solidão e desespero.

Outro dia, fuçando no YouTube, achei Manuel Bandeira. Um filme com imagens caseiras do poeta – anos 40-50. Ele carregava o dom até quando esquentava leite e olhava pela janela. Pasárgada é o nome que deu ao nó. Em determinado momento, atende o telefone e abre um sorriso acachapante. Devia ser Jayme Ovaldo do outro lado da linha. Ah, que sorriso maravilhoso tinha Bandeira, dentes de cavalo. Homem solitário. Imagino que a vida dele tenha sido um inferno... Nem o

sorriso largo de Bandeira foi o suficiente. Não adiantou nada. A gente até que disfarça, olha através das janelas, atravessa ruas e amarra os sapatos, escarnece do nó e o esquece durante longos anos, a gente tamborila timidamente um samba no balcão da padaria enquanto nossos amigos envelhecem escandalosamente diante de nossos focinhos e o chapeiro não traz a média com pão com manteiga... A morte. “A morte é uma condição que a gente vive acordado”. Voilá! Dessa vez tive de concordar e tirar o chapéu pro Ricardinho: vivemos a morte acordados.

No dia 24 de janeiro, morre Modigliani no Charité de Paris. No dia seguinte, Jeanne, grávida de oito meses do segundo filho de Modigliani, suicida-se aos 21 anos de idade. Dez anos depois, ela é transferida para o cemitério Père Lachaise, para “descansar” ao lado de Amedeo. A gente desanima diante da esperança alheia, mas continua dando palpites, a gente ama as mulheres, chupa a buceta delas e visita museus e cemitérios desnecessários. Nada faz a mínima diferença. Inútil dar de ombros. “A coisa mais triste” – dizia Bandeira: “é mulher grávida”. O nó traz para si. O nó faz as mulheres parirem filhos de homens errados. Encerra. Quem tem o nó, sabe. Quanto mais Modigliani o alongava, mais enclausurava-se dentro de si mesmo. Eu vi, meu amor, juro que vi Jeanne no desenho do seu sexo. Nas suas convulsões antes de gozar e nos seus espasmos apaixonados. Chupei gostoso. Abri e fechei o nó, fiz festa, debochei e brinquei de língua-de-sogra como se você fosse meu carnaval, espargi e tratei de engolir tudo de volta, feito uma cânula de sucção. Depois vomitei. Por isso que a mandei embora. Já não sabia onde terminava o aborto e onde começava o amor, e vice-versa. Só tinha a certeza do nó. Compreende?

O nó é o estilo, o nó é o movimento contrário. O nó leva os amantes ao desespero. Não há reencontro possível, há o nó. Jeanne Hébuterne não tinha um filho na barriga. Pobre Jeanne. Ela se matou porque não aguentava mais o nó. O mesmo nó que liquidou Modigliani é o nó que trago no peito desde criança, quando eu ainda latia, o nó que também vai me matar e que vai me prender a você até o dia do seu último suspiro inútil e asfisiado, mulher.

Gustavo Martins

# Campeonato de

A sala de aula parecia aquelas de pré-vestibular, perto de cem alunos e carteiras de braço, mas estávamos no primeiro do ensino médio. Escola grande tinha dessas coisas. Sentávamos no fundão, como era de se esperar de um bando de semimarginais burgueses.

Num dia de tédio alguém teve a ideia. Aliás, um magrão começou a fazer aquilo em homenagem à gostosa da sala, que sentava perto da gente e estava em um dia em que a histeria lhe transparecia na pele. Ele tirou pra fora sem a menor cerimônia e começou a bater uma. Aí sim alguém inventou de fazer o campeonato. Ganhava quem chegasse primeiro. Não valia revista de sacanagem. Tudo discreto o suficiente para que o professor ou a turminha da frente não notassem, mas escancarado o bastante para as galinhas da sala verem.

Assim, nas aulas chatas o pessoal mandava ver em campeonatos de bronha. Nunca nenhum dos participantes recebeu punição. Tudo só acabou no dia em que nossas coleguinhas do fundão exageraram na torcida e foram convidadas a se retirar da sala.



Ygor di Castro

# Quando a lei de trânsito atrapalha

A namoradina do Zé pediu de natal um curso de autoescola pra tirar carteira de motorista. Convenhamos que é um presente caro. Pra piorar, o pedido lembrou o Zé da maldita lei que agora obriga os aspirantes a motorista a intermináveis aulas práticas de autoescola, e como ela complicou a vida dele.

Antes era moleza. Bastava convidar uma moça bonita para ensinar a dirigir. O Zé descolava um fusquinha e colocava a gata no banco do lado. A aprendiz começava treinando a trocar de marcha enquanto ele estava no volante, ia subindo a mão pela perna, abriam-se alguns botões e quando percebia já estava esparramada no banco inclinado.

Só de raiva, o Zé deu pra namorada um perfume paraguaio.



Felipe Gollnick

# O polêmico dia em que o estagiário se auto-entrevistou

Comecei a trabalhar na empresa há poucas semanas, e logo nos primeiros dias me disseram que existe um blog da firma no qual as pessoas escrevem sobre o que quiser. "Pode escrever sobre qualquer coisa?", perguntei, só para confirmar. "Qualquer coisa", confirmaram, afinal. E assim, como temia, acabei me obrigando a colocar em prática a primeira (e única) (e errada) ideia que tive para este texto.

Bem, com alguma frequência faço entrevistas, sejam para a faculdade ou para projetos pessoais. E de vez em quando fico pensando como seria se alguém me entrevistasse. O resultado seria desastroso, provavelmente. Mas a curiosidade permanece sempre. "Afinal, por que não me auto-entrevistar?", pensei. "Ridículo", respondeu

minha consciência. "Que nada, vai ser legal para eu me apresentar", confirmou meu espírito que sempre me faz tentar ser engraçadinho. "Isso não vai acabar bem", avisou a consciência, batendo os pés e com o olhar enviesado.

Abaixo, segue a entrevista, inédito – e assim será.

**- Como encara o governo Lula?**  
Nasci em Joinville há duas décadas, mais ou menos, na maternidade Dona Helena. Nasci de minha mãe, mas meu pai também teve sua parte na história. Vim para Curitiba ainda cedo e na primeira série tive de encarar uma escola que só em uma turma tinha quase o mesmo número de alunos que havia em todo o meu jardim de

infância na cidade natal. Superei tudo isso com muito choro e colo da professora que eu achava bonitinha.

**- Gosta de Roberto Carlos?**

Curto muito ler, mas nem sempre é possível. Uma vez, na sétima série, acho, um amigo indiscreto perguntou a um professor quanto ele ganhava. "Mais do que eu esperaria, mas menos do que eu acho que mereço", respondeu o mestre, cheio de ironia e um não-sei-mais-o-que, e ninguém entendeu nada. Minha leitura é mais ou menos isso, ou não: leio o quanto consigo, mas ainda assim menos do que desejo. Ler no ônibus é uma aventura, e acho que esse é o esporte de maior risco que pratico, já que há sempre a chance

de uma retina descolada aqui ou ali. Roberto Carlos jogador ou cantor?

**- Carro ou bicicleta?**

Uso a internet mais para fins educativos. Às vezes preciso entrar no Google para saber como se soletram esses sobrenomes, sabe, para não escrever errado nas minhas teses. Nietzsche, Rachmaninoff, Schweinsteiger, Dumbledore. Fora isso, quase nada. Facebook? Nem entro muito, umas seis horas por dia já são o suficiente. mIRC? Cansei de usar, sou do tempo em que a gente tinha que digitar comando no DOS para poder jogar Paciência e matar o tempo na repartição.

**- Real Madrid ou o Barcelona?**  
Tenho um zumbido... espera. É

zunido ou zumbido? Zumbido deve ter a ver com zumbis, né? Tá, tenho um zunido no ouvido desde que me lembro por gente. Fica lá o tempo todo. Piii. É até bom. É tipo uma segunda voz da consciência. Quando estou indeciso e consulto a consciência e ela não diz nada, surge o zumbido. Zunido. Piii.

**- O que pensa sobre a cultura ocidental e suas manifestações?**  
Ainda não fiz um plano para minha carreira, mas não penso em ir muito longe. Me contento com pouco, com as pequenas alegrias do cotidiano. Um Prêmio Nobel de economia ou um Portugal Telecom de literatura já estão de bom tamanho. Um Capricho Awards também não seria nada mal.

Ricardo Pozzo

# Mutamorphatriz

Íntima equestre  
escravagista,  
de perfil dadaísta,  
ao seu dispor  
para o que for

lógica, desafeto  
& corrosão

abstrata figura  
mutamorphatriz,

fronteira do abismo,  
espécie rara & beleza,  
plágio  
da Realeza,  
sem salvo conduto

& eu,

agrimensor  
do absoluto

## Nada novo, de novo

*"Os belos serão os bélicos!  
Elmos no lugar de cérebros!"  
Homem de Ferro; Sergio Viralobos  
e Marcos Prado*

É tensa a ordem da primeira  
fila no front abarrotado  
de almas esfaceladas  
ao primeiro toque  
do clarim

Ausência de sono,  
ausência de fome;  
cão que ladra morre

A qualquer momento,  
o soar do segundo toque.

É erro a insistência  
da coragem  
desprovida de medo.  
Averiguar  
a equipagem  
sabendo que ela  
nada garante.

Segundo toque! Avante!